



GALERIA
OUTRORA

SRPENTE DE BRONZE

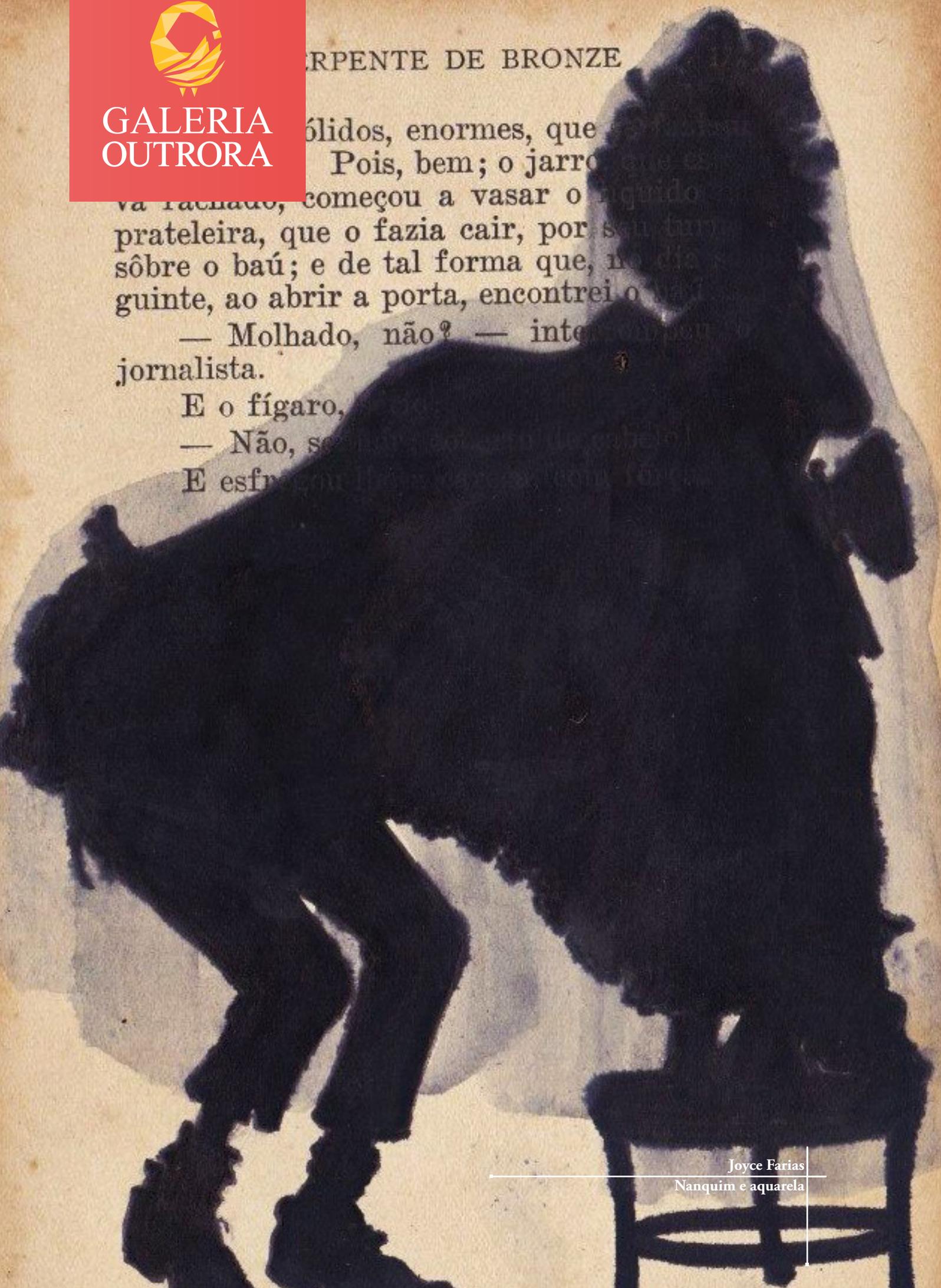
ólidos, enormes, que
Pois, bem; o jarro
va rachado, começou a vasar o
prateleira, que o fazia cair, por
sôbre o baú; e de tal forma que,
guinte, ao abrir a porta, encontrei o

— Molhado, não? — inter
jornalista.

E o fígaro,

— Não, se

E esf



Joyce Farias
Nanquim e aquarela

Satyricon e a escravidão em Roma



Satyricon and slavery in Rome

Rayane de Castro Guedes

Diana Jane Barbosa da Silva

Resumo: Esse trabalho começou na disciplina eletiva de Alto Império Romano, para desenvolver aos poucos numa reflexão detalhada sobre Satyricon de Petrônio. A leitura foi feita minuciosamente, para ser evidenciada em cena da documentação de Satyricon, a famosa cena do banquete. Contudo, não foi desconsiderado o contexto da documentação nem do período. O trabalho teve o objetivo de priorizar a análise interna.

Palavras-chave:

Satyricon; banquete; sociedade

Abstract: This work began in elective discipline of High Roman Empire, to gradually develop into a detailed reflection on Satyricon of Petronius. The reading was meticulously done, to be focused on one scene from the documentation of Satyricon, the famous banquet scene. However, the context of the documentation and the period were not disregarded. The objective of the work was to prioritize the internal analysis.

Key words:

Satyricon; banquet; society

Introdução

O seguinte trabalho pretende analisar a fonte Satyricon de Petrônio, contextualizá-lo e entendê-lo na lógica da época do imperador Nero de 54 a 68 d.C. Houve a tentativa de mostrar a estrutura do documento, como se organiza, seu objetivo, público alvo, quem escreveu, como ele está relacionado com seu contexto do período de uma forma geral, sem visar uma análise linguística nem literária do documento, o que remeteria num estudo da área das letras. Foram feitas questões sobre a narrativa, procurando ver como era representado o escravo nessa obra, nisso foi concordado com Faversoni¹ que o personagem Trimalquião é um figura duplamente “típica” da perspectiva social e empírica. Assim o tema foi recortado para o banquete de Trimalquião: por ele ter sido um escravo e mudar a sua ordem para liberto.

E como isso aconteceu? Como funcionava a ideia de liberto e escravo no texto? Como foram mostradas as punições? A ostentação de Trimalquião: sua postura sobre o material e necessidade de mostrar ao público, como isso é demonstrado por Petrônio? Como foi seu comportamento e sua relação com os escravos na narrativa? Como ele lidava com a libertação de seus escravos? Como é Trimalquião na perspectiva das personagens convidadas? E nesse raciocínio como foi exposta a relação entre herança e herdeiro, o testamento, os ritos funerários e o pós morte. Com isso o exagero e a crítica de Petrônio nos faz refletir sobre a sua releitura da realidade romana.

Documento – Análise interna da obra

Satyricon é uma obra literária e se trata de um romance em prosa e em poema, que pode ser usada como fonte histórica do período a qual foi escrito, possui no seu texto elementos que podem ser analisados e identificados pela perspectiva da ciência histórica como parte da Roma Antiga. Parece ter como principal objetivo fazer uma crítica da sociedade romana, é apropriado o uso do termo “parece” aqui porque é reconhecida a fragmentação da documentação que ficou para a posteridade. A obra faz uso de termos que podem ter sido populares e assim é possível perceber como o riso é produzido, e o que era engraçado naquela época, e talvez refletir sobre o público alvo da escrita e provável leitura. A obra pretende mostrar situações em que suas personagens expressam o que pode ser comum, e o que pode ser “certo” ou “errado”, o aceito e não aceito para determinada situação. Há em várias passagens descrições do que se é esperado e do ideal daquela sociedade, ou o que seria classificado com bens “morais”: a mulher que não trai o seu marido, como deve ser feita a participação no fórum, o escravo que deve obedecer. É percebido isso quando Encólpio se perde da própria hospedaria e pergunta para uma senhora onde ele mora.

Na estrutura da obra Satiricon ou Satyricon organiza-se em capítulos do 1 ao 141 na edição bilíngue de tradução por Bianchet² que usamos para essa análise. Na edição traduzida

1 FAVERSANI, F. Trimalchio, classe social e estamento. Revista de História (USP), São Paulo, v. 134, p.7-18,1996. P.8 Disponível em: http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/1924/1/ARTIGO_TrimalchioClasseSocial.pdf acesso em 11/2018

2 PETRÔNIO. Satyricon. (sec. 1 D.C).Trad. Sandra M.G.B. Bianchet. Belo horizonte: Crisálida, 2004.

por Miguel Ruas³ os capítulos são divididos por temas, e cada capítulo possui um título, além disso, a versão de Leoni possui partes que na tradução de Bianchet não há, acreditamos que tenham sido lacunas preenchidas eventualmente. Mas não teria como afirmar se esse preenchimento foi intencional, ou se foram trechos retirados no processo de tradução.

Ainda sobre a organização o autor de Satyricon segue uma história geral contada pelo personagem Encólpio, mas dividi-se em pequenas histórias ora narradas por ele, ora por outros personagens. Essas pequenas histórias podem ter ou não a ver com a história de Encólpio, às vezes são em forma de poemas mais ou menos longos, às vezes em prosa de personagens que nada tem a ver com a narrativa que parece ser a principal, elas ainda possuem um final ou uma espécie de quase final, sendo assim independentes. Podemos, então, observar que além dessa divisão própria da narrativa há trechos que também são independentes, por exemplo, os poemas e as observações mais explícitas da sociedade como um todo: “ Não há dúvidas de que seja assim: se alguém, inimigo de todos os vícios, resolve dedicar-se ao caminho correto da vida, ele atrai em primeiro lugar a antipatia dos outros , por causa da diferença de costumes: realmente, quem pode aprovar atitudes opostas?”⁴.

De uma forma geral a obra é sobre Encólpio e seu companheiro Gitão, e os que são agregados são Ascilto e Eumolpo. A história possui várias aventuras dos personagens, acontecimentos e conflitos vividos por eles. Acontecimentos que normalmente tem a ver com algum aspecto da vida comum que se torna em algum momento extraordinário. Ao longo da história esses acontecimentos estão relacionados aos assuntos da vida sexual e o convívio entre os personagens. É notado que as perspectivas políticas, econômicas, sociais e culturais com comunicação entre elas durante a nossa leitura da obra. Na política a crítica aos governos e pessoas ligadas a ele; no econômico as moedas, a venda, a compra, o comércio; no social as características daquela sociedade, o diálogo, a vida comum, o que era livre e escravo, o que era rico e pobre entendido naquela época (vemos a explicação nas páginas referentes ao banquete de Trimalquião) sem cair numa ideia anacrônica; e cultural quando vimos a religião presente na fala de quase todos os personagens, os rituais, costumes (comidas, bebidas, roupas, atitudes), símbolos (gansos, enfeites na casa de Trimalquião, templos, comida representando um signo do zodíaco durante o banquete), feitiços, supertições.

Para descrever Satyricon, sem pretensão de dar conta de toda a discussão que existe e é possível fazer com os livros, foi selecionado alguns trechos que são interessantes para mostrar a obra, nesse espaço serão descritos trechos e sua interpretações considerando que fazem parte de uma literatura, mas que também são fonte histórica. Satyricon é fragmentado com muitas interpolações, e começa com Encólpio num fórum ouvindo Agamêmnon discursando sobre a oratória, o aprender e os jovens. Logo em seguida há uma pequena história incompleta sobre ele e Ascilto, um dos seus companheiros. Ascilto conta sobre um suposto abuso que aconteceu com ele, mas em seguida Gitão diz sobre Ascilto querer violentá-lo, é uma pequena reviravolta, como se a mesma circunstância repetisse.

Ao longo da narrativa os três ficam mais próximos por causa das dificuldades que passam. Uma delas foi o caso do manto roubado que colocaram para ser vendido e o suposto

3 PETRÔNIO, Satyricon. (sec. I D.C.). Trad. M.Ruas. Disponível em: <https://docgo.net/satyricon-petronio-ediouro>. Acesso em 01/12/2017.

4 PETRÔNIO, Satyricon. (sec. I D.C.). Trad. Sandra M.G.B. Bianchet. Belo horizonte: Crisálida, 2004. p.147

dono apareceu, porém esse dono também possuía uma túnica que pertencia a eles. Nessa túnica velha e sem boa aparência havia uma quantidade de dinheiro escondido costurado. E os companheiros lutam avidamente para tê-la de volta. Parece que o caso ia ser resolvido no tribunal e com juízes, mas o dono do manto devolveu a túnica e eles o manto, e tudo terminou bem. Mas ficamos sem a informação do que eles fazem com o dinheiro, e como eles o conseguiram antes de costurar na túnica.

Outro caso relatado sobre as aventuras de Encólpio, Ascilto e Gitão nesse início foi sobre um ritual, um sacrifício que eles presenciaram e tiveram que compensar. Acreditamos que diz sobre o fascínio da religião ou crítica ao excesso, talvez. As páginas sobre esse evento apresentam muitos trechos soltos, então a nossa interpretação é que eles passaram por uma sequência de torturas.

Há na possível continuação dos fatos uma tentativa de roubo por dois sírios que ao serem pegos em flagrante fingem estar dormindo, aqui há uma tentativa de humor com exposição de um problema que presumivelmente fosse comum: o roubo, o saque. Posteriormente o banquete de Trimalquião, ironiza uma divisão de bens e exibição de poder. Além disso, há muitas questões que discutiremos mais adiante. Depois do banquete houve um conflito entre Ascilto e Encólpio sobre Gitão, os dois brigam e Gitão escolhe ficar com Ascilto, separando os três. Encólpio fica sozinho por um tempo até encontrar com o poeta Eumolpo. Esse novo personagem que aparece, surge com casos de sua vida, um desses é sobre um menino filho do anfitrião que o recebeu em Pérgamo na Ásia com o qual ele teve relações. Aqui vemos mais informações sobre a sexualidade romana.

Na sequência Gitão volta fugindo de Ascilto, e há uma série de confusões e brigas envolvendo Eumolpo. O dono do quarto onde eles estão pergunta sobre o que devem, e assim nasce uma briga entre as pessoas da hospedaria. Encólpio ignora a briga porque sabe que Eumolpo também gosta de Gitão e tem ciúmes. Quando Ascilto vem procurar Gitão, Encólpio esconde seu amado, e depois junto com Eumolpo fogem num navio. No entanto, o navio pertence a Licas, homem o qual no passado tiveram aborrecimentos, com a traição de Encólpio com sua mulher, e sua mulher gostava de Gitão. Essa parte expressa mais uma vez uma complexa relação sexual entre os personagens. Nesse fragmento foi encontrado também na história uma questão sobre cabelo, os dois homens que estão se escondendo de Licas tem a cabeça raspada por um conhecido de Eumolpo, a cabeça raspada caracterizaria um prisioneiro ou escravo nesse contexto. Após serem descobertos por Licas e sua esposa, acontece uma perigosa briga entre os tripulantes do navio, seguindo de uma paz negociada por todos. Em Satyricon é percebida a representação da paz que apresenta ser de repente, ou discutida ao longo dos trechos. Contudo a paz é quebrada por uma tempestade que naufraga o navio, e grupo de três personagens (Eumolpo, Encólpio e Gitão) vão parar em uma cidade onde predominava a mentira, uma analogia a Roma possivelmente. Nessa cidade para poder sobreviver, Eumolpo finge ser rico com muitos bens e tem escravos (Gitão e Encolpio), ele pretendia fazer com que aproximassem interesseiros em sua falsa herança, e assim usufruir de uma vida cômoda naquela cidade, pelo menos até sua mentira durar.

Nesse tempo uma jovem senhora, com o nome de Circe, apaixonou-se por Encólpio, entretanto ele falha no ato sexual todas as vezes, trazendo muitas complicações para si. Inclusive sacerdotisas o colocam em um ritual por isso, que não tem sucesso. Encólpio

durante esse ritual mata um ganso muito importante para o templo com a intenção de defender-se dos animais. Ele ainda é quase morto porque tirou a vida de um animal sagrado se não fosse a espécie de suborno que ele concede as sacerdotisas, dizendo que o dinheiro pode fazer qualquer coisa. E eles todos terminam em paz comendo a carne do próprio ganso num banquete. É uma ironia ao quanto vale as moedas de ouro nessa sociedade.

O final da história é com mais lacunas, e com desfecho confuso, há uma sucessão de fugas, e depois uma pequena história envolvendo Eumolpo e duas crianças. Termina, assim, com o relato do testamento de Eumolpo sobre os herdeiros comerem o seu corpo em pedaços.

O Autor

Parece que há diversas discussões acerca da obra *Satyricon* ou *Satiricon* e também sobre quem teria sido o autor, segundo Sandra Braga Bianchet⁵ em sua introdução a edição bilíngue feita por ela, já temos algum consenso de que a obra tenha sido escrita por *Petronius Arbiter* sob o governo do Imperador Nero.

Giulio Davide Leoni, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na sua apresentação ao autor de *Satyricon*, na obra traduzida por Miguel Ruas⁶, traz a palavra de Tácito que escreveu sobre Petrônio em seus Anais, livro XVI, nos capítulos 18 e 19. Em seus escritos, Tácito descreve Petrônio como alguém que se dedica principalmente ao sono e depois aos deveres e prazeres. Pertencente a elite romana, cônsul na Bitínia e seria também uma pessoa muito próxima ao Imperador Nero, aquele que julga o que é de bom gosto ou não na corte, por esse motivo, foi vítima de inveja e resolveu por fim a sua própria vida, mesmo que tenha tentado parecer que sua morte tenha sido natural. Seu último ato em vida, foi mandar escritos sobre a corte, ao Imperador. Há hipóteses de que esses escritos seriam a obra *Satyricon*.

Outras hipóteses falam ainda, que esse Petrônio descrito por Tácito não seria o autor da obra *Satyricon*, mas segundo Bianchet⁷, o Petrônio escritor da obra e o descrito nos Anais de Tácito, apresentam muitas características em comum e que não devem ser vistas como meras coincidências, mas uma prova que ambos são apenas um: o autor de *Satyricon*.

Contexto

Agora será apresentado, brevemente, o contexto no qual a obra *Satyricon* foi escrita, será usada as narrativas de Suetônio “A vida dos doze Césares”⁸, com ênfase na parte sobre o Imperador Nero, do qual Petrônio era íntimo, de acordo com Tácito. Essa é a parte que interessa para o presente trabalho.

Nero governou entre 54 e 68 d.C. tornou-se Imperador aos 17 anos, com a morte de seu Tio,

5 PETRÔNIO. *Satyricon*. (sec. I D.C.). Trad. Sandra M.G.B. Bianchet. Belo horizonte: Crisálida, 2004.

6 PETRÔNIO, *Satiricon*. (sec. I D.C.). Trad. M. Ruas. Disponível em: <https://docgo.net/satiricon-petronio-ediouro>. Acesso em 01/12/2017

7 PETRÔNIO. *Satyricon*. (sec. I D.C.). Trad. Sandra M.G.B. Bianchet. Belo horizonte: Crisálida, 2004.

8 SUETÔNIO. *Roma Galante – Chronica Escandalosa da Côte dos doze Cezares*. Trad. G. Rodrigues. Lisboa: João Romanos Torres & G.A – editores.

o Imperador Cláudio, que o tinha adotado aos 11 anos de idade e o posto sob os cuidados de Sêneca. Uma das suas primeiras ações como Imperador romano foi a de fazer a redução dos impostos e reajuste de salários de delatores e advogados. Em 57 d.C. distribuiu moedas ao povo e posteriormente presentes. Promoveu uma série de espetáculos como o Circo e a luta de gladiadores por exemplo. Notamos que Nero, a princípio tentava ser um Imperador amado pelo povo.

Um aspecto interessante, para o recorte deste trabalho, foi a medida de Nero em não aceitar por um período de tempo, filhos de libertos no Senado de Roma, ou seja, se Trimalquião tivesse filhos, mesmo com toda sua riqueza não poderia entrar para o Senado, só isso não era suficiente. O Imperador gostava muito de cantar, adorava apresenta-se e participar de competições musicais, quando essas apresentações ocorriam, ninguém podia sair do local até término, Suetônio chega a trazer o relato de que mulheres teriam dado a luz a seus filhos em meio aos concertos. Com medo da concorrência, mandou envenenar um Príncipe que cantava melhor que ele próprio.

Suetônio também acusa Nero de ter participado da morte do Imperador Cláudio, seu Tio, da mesma forma como fez com o Príncipe referido acima, através de envenenamento. Na época de Nero, segundo Alföldy⁹, descobriram-se minérios e assim mais ouro, entendemos isso em Satyricon quando nos deparamos com as cenas que envolvem moedas, contudo na mesma época de Nero houve a primeira desvalorização do ouro e prata segundo Le Roux¹⁰. Assim existem outros elementos do contexto: os fóruns citados em várias passagens de Satyricon, Le Roux¹¹ diz que os fóruns eram construídos por vários imperadores não só para o bem estar e participação política, mas para mostrar poder. Isso nos lembra do personagem de Trimalquião e como sua casa era enfeitada com vários símbolos, para exibir seu poder, também algo da época. O coliseu e os templos como lugares de convívio também aparecem em Satyricon, segundo Roux¹² o Coliseu foi uma dessas obras que ocupavam a diversão no Império, e os templos não eram somente lugares religiosos tomando forma de lugar político.

Na questão social, Alföldy discute sobre o problema da divisão dos ricos ficarem muito ricos e pobres bem pobres durante época de Nero¹³, e diz que raramente alguém tinha a sorte de Trimalquião de conseguir mudar sua ordem. Segundo esse autor os ricos se mantinham numa posição de muitos privilégios, na administração local separada por “*ordines decurionum*” e que “Mesmo os mais poderosos libertos imperiais eram desprezados como “escravos” pelos romanos ilustres (...) Um nascimento gratuito, portanto, era geralmente uma posição inicial incomparavelmente mais vantajoso.”¹⁴. Nos tempos de Nero, conforme Alföldy¹⁵, houve um aumento de senadores e um maior alcance deles em terras da Ásia e África, lembramos de Satyricon em que Eumolpo estava na Ásia.

Todavia Le Roux evoca que nos últimos anos de Nero ele teve um suicídio forçado em 68 com 30 anos, “Seja como for, em nenhum momento, apesar de proclamações tão virtuosas como vazias, ninguém chegou a pensar seriamente na possibilidade de abolir o principado”¹⁶.

9 ALFÖDY, Geza. Historia Social de Roma. (1987) trad. esp. V.A. Troncoso. Madrid: Alianza Editorial, 1996. p.66

10 LE ROUX, Patrick. Império Romano. Trad. W. Lagos. São Paulo: L&PM Pocket, 2009.p.62

11 LE ROUX, Patrick. Império Romano. Trad. W. Lagos. São Paulo: L&PM Pocket, 2009.p.33

12 LE ROUX, Patrick. Império Romano. Trad. W. Lagos. São Paulo: L&PM Pocket, 2009

13 ALFÖDY, Geza. Historia Social de Roma. (1987) trad. esp. V.A. Troncoso. Madrid: Alianza Editorial, 1996.p.72

14 ALFÖDY, Geza. Historia Social de Roma. (1987) trad. esp. V.A. Troncoso. Madrid: Alianza Editorial, 1996.p.75

15 *Idem.*

16 LE ROUX, Patrick. Império Romano. Trad. W. Lagos. São Paulo: L&PM Pocket, 2009.p.14

O banquete de Trimalquião

Em seguida será analisada pela perspectiva histórica o banquete oferecido pelo liberto Trimalquião no livro *Satyricon*. O convite para Encólpio, Gitão e Ascilto é feito por Agamêmnon, um dos personagens que também compareceram ao banquete. Durante o banquete muitas concepções aparecem uma delas é a mudança de ordem de escravo para liberto na própria história do anfitrião. Segundo Paul Veyne¹⁷ a diferença de liberto e escravo era bem acentuada nessa sociedade, não sendo uma “pirâmide horizontal e sim vertical”, aqui provavelmente o autor queira enfatizar a especificidade de Trimalquião. Mas Veyne lembra que definição jurídica de escravo e livre não se refere necessariamente a uma concepção econômica. Para o historiador Faversoni¹⁸, Trimalquião estaria num tipo de estamento dos libertos, mesmo reconhecendo que o conceito estamento ainda tenha suas limitações.

Contudo, a ideia de liberto e escravo em *Satyricon* é apresentada com essa incrível diferença entre os dois, um liberto é capaz de estar à cima de uma pessoa comum dependendo de sua função. E pode voltar a ser escravo ou estar em uma situação pior, como parece em um exemplo de um dos convidados falando com Encólpio: “E o que dizer daquele homem perto do liberto? (...) Ele viu sua fortuna chegar a ser dez vezes maior, mas vacilou demais. Eu acho que ele não possui nem cabelos livres”¹⁹.

As punições dos escravos foram mostradas de várias maneiras no texto, uma delas um escravo deixou um prato cair no chão, Trimalquião o repreendeu e mandou que batessem nele se deixasse outro prato cair. Além disso, quando pedia algo ao cozinheiro fazia ameaças, por um javali não ter tido suas tripas retiradas, suas roupas são retiradas para o castigo, entretanto os convidados intercedem pelo seu erro.

Trimalquião ora usa de punições, ora os beneficia, num momento ele pede para seus criados sentarem junto aos convidados. Seu humor muda de exigência a tolerância nesse assunto, o mesmo cozinheiro que ia ser punido foi oferecido uma bebida e uma coroa. É possível chegar à suposição que Trimalquião passou de escravo a senhor de escravos, os beneficia por que já esteve em seu lugar, mas nem por isso deixa de impor sua autoridade sob seus subordinados.

A ostentação de Trimalquião vai desde a decoração do ambiente, a comida, os escravos, expor seu contador na hora da refeição, tocadores de trombeta, animadores. Seus objetos estão ali, e um deles com seu nome em bronze, Encólpio nota que são tantos objetos que não foi possível ver todos²⁰. Petrônio coloca o comportamento de Trimalquião imoderado, por mais de uma vez ele se retira para usar o penico, o que parece ser fora dos padrões da imagem que o anfitrião quer passar. A comida ao longo do banquete é muito abundante, com javalis, aves e muita bebida. O objetivo é revelar aos seus convidados o que possui, sua criadagem está sempre cantando para causar impressão de felicidade.

Trimalquião em seus banquetes aprecia ostentar suas riquezas e tenta parecer culto, um liberto que tenta viver como os nobres. Paul Veyne em a “Sociedade Romana”²¹, ressalta que apesar disso,

17 VEYNE, Paul. *A sociedade Romana*. Trad. M.G. de Bragança. C.Pimentel. Lisboa: Edições 70, 1990.

18 FAVERSANI, F. *Trimalchio, classe social e estamento*. *Revista de História (USP)*, São Paulo, v. 134, p.7-18, 1996. P.11 Disponível em: http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/1924/1/ARTIGO_TrimalchioClasseSocial.pdf. Acesso em 11/2018

19 PETRÔNIO. *Satyricon*. (sec. 1 D.C). Trad. Sandra M.G.B.Bianchet. Belo horizonte: Crisálida, 2004.p.61

20 PETRÔNIO. *Satyricon*. (sec. 1 D.C). Trad. Sandra M.G.B.Bianchet. Belo horizonte: Crisálida, 2004.p.49

21 VEYNE, Paul. *A sociedade Romana*. Trad. M.G. de Bragança. C.Pimentel. Lisboa: Edições 70, 1990.

os convidados no banquete de Trimalquião também são ex-escravos, mesmo que não tão ricos como o anfitrião. Notamos que o ex-tesoureiro prefere ficar em companhia de seus pares.

Em meio ao banquete, Ascilto ri de Trimalquião zombando do mesmo junto com Gitão e temos um dos convidados defendendo avidamente seu anfitrião chamando Ascilto de Cavalo ao perguntar o porquê de ele estar relinchando, começando um discurso de como Trimalquião era sim culto e com grandes riquezas, que ele próprio que também havia sido escravo, agora possuía terra, não devia nada a ninguém e não admitia que um senhor louvável como Trimalquião virasse motivo de piadas de alguém que está comendo as suas custas.

É identificado, então, que pelos seus pares Trimalquião era visto como um exemplo, alguém de grande requinte, que apesar de um liberto, não perderia em nada para os outros grandes senhores que nasceram livres. Já por aqueles de fora, vemos através de Ascilto que apesar de Trimalquião ter posses, tinha um comportamento inadequado para alguém que queria viver como os nobres, virando motivo de chacota.

Trimalquião foi um escravo que ao aprender a fazer contas, foi colocado como tesoureiro por seu senhor, era muito querido por seus senhores, amante dos dois que como não tiveram filhos, deixaram seu escravo favorito como o herdeiro da fortuna e para dar continuidade ao nome da família, algo comum de acontecer segundo Paul Veyne²².

Esse tópico do passado de Trimalquião também conduz para a questão da educação dos escravos em Roma. Em outro ponto da narrativa do banquete em o Satyricon, vemos Trimalquião falando a Agamêmnon sobre a formação de um de seus escravos, em como já sabia fazer operações matemáticas e tem interesse por latim. O escravo aprendia algo que poderia vir a ser útil para seu senhor, não tinha uma escolha, mas que o fazia ter um maior valor.

Ao receber a fortuna de seu ex-senhor por herança, Trimalquião através da ajuda de sua esposa, expande seus negócios para o comércio marítimo, se torna autossuficiente, tudo o que precisa, ele mesmo produz. Ele ainda escravo possuía um relacionamento intenso entre seus donos, possuindo relações sexuais tanto com seu dono quando com a mulher do dono. A herança do seu dono ficou para ele assim como sua liberdade, aumentando o que o dono tinha com muitas peripécias. Assim, como diz Joly²³, a escravidão em Roma não era somente uma relação jurídica, mas o controle ia além com estratégias que ele diz sendo de “cooptação” no lugar da coerção.

A questão das heranças e libertações a escravos eram comuns com a morte dos patrões, segundo Paul Veyne, era um costume e uma forma de mostrar sua riqueza e benevolência, sobretudo a escravos que eram tão próximos de seus senhores como era o caso de Trimalquião, que era tão querido que herdou quase que toda a fortuna do ex patrão.

Outro exemplo disso quando Seleuco conta sobre o falecimento de um homem, que com o advento de sua morte libertos diversos escravos. O próprio Trimalquião também pretendia libertar todos os seus escravos e recompensar alguns deles, por seus anos de serviço, fazendo um discurso em defesa dos escravos, mas ressalta que deixará um dos seus libertos fazendo a segurança de seu túmulo, para que ninguém venha a fazer algo desrespeitoso. Maria Luiza Corassin²⁴ diz que os libertos formavam um importante grupo social e que após a liberdade tinham obrigações a cumprir com seus ex-patrões, então, esse trecho do livro coincide com as interpretações dos historiadores que estudam o período.

22 VEYNE, Paul. A sociedade Romana. Trad. M.G. de Bragança. C.Pimentel. Lisboa: Edições 70, 1990.

23 JOLY, Fábio D. A escravidão na Roma Antiga- Política, economia e cultura. São Paulo: Alameda, 2005. p.23

24 CORASSIN, Maria Luiza. Sociedade e política na Roma antiga. São Paulo: Atual.2001. p49

CONCLUSÃO

No presente trabalho a análise da obra *Satyricon* de Petrônio foi trazida uma breve apresentação do autor, obra e contexto para situar melhor o leitor que aqui prestigia e evitar possíveis julgamentos. Foi analisada a questão do escravo no período do Alto Império Romano, destacando o capítulo do banquete de Trimalquião na referida obra, discutindo alguns temas que as autoras acreditam ser pertinentes a respeito do tema, como por exemplo, a questão da mudança de escravo para liberto, como isso acontecia e suas consequências; a ostentação que o próprio Trimalquião demonstra em seu banquete; as libertações de escravos que eram comuns de ocorrer quando seus patrões viam a falecer entre outros aqui analisados.

Neste curto trabalho de análise da fonte *Satyricon*, foi trazida algumas respostas para os questionamentos que foram propostos ainda na introdução, na perspectiva de contribuir com as análises já existentes sobre a mesma.

BIBLIOGRAFIA

ALFÖDY, Geza. *Historia Social de Roma*. (1987) trad. esp. V.A. Troncoso. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

CORASSIN, Maria Luiza. *Sociedade e política na Roma antiga*. São Paulo: Atual, 2001

FAVERSANI, F. Trimalchio, classe social e estamento. *Revista de História (USP)*, São Paulo, v. 134, p.7-18, 1996. Disponível em: http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/1924/1/ARTIGO_TrimalchioClasseSocial.pdf acesso em 11/2018

JOLY, Fábio D. *A escravidão na Roma Antiga- Política, economia e cultura*. São Paulo: Alameda, 2005.

LE ROUX, Patrick. *Império Romano*. Trad. W. Lagos. São Paulo: L&PM Pocket, 2009.

PETRÔNIO, *Satyricon*. (sec. I D.C.). Trad. M. Ruas. Disponível em: <https://docgo.net/satyricon-petronio-ediouro> acesso em 01/12/2017

PETRÔNIO. *Satyricon*. (sec. I D.C.)/Trad. Sandra M.G.B. Bianchet. Belo horizonte: Crisálida, 2004.

SUETÔNIO. *Roma Galante – Chronica Escandalosa da Côte dos doze Cezares*. Trad. G. Rodrigues. Lisboa: João Romanos Torres & G.A – editores.

VEYNE, Paul. *A sociedade Romana*. Trad. M.G. de Bragança. C. Pimentel. Lisboa: Edições 70, 1990.